

Incertezas no mercado entre dois turnos das eleições presidenciais

por Cláudia de Souza
de São Paulo

Em que pese o fato de que os economistas têm o incômodo hábito de discordar entre si, tirando de suas assertivas o encanto que teriam se pudessem ser tratadas por empresários e funcionários do governo como verdade matemática, prognósticos a respeito da conjuntura econômica, a oito dias das eleições, têm público ávido e certo.

Além do que se ouve nos seminários que proliferaram nos últimos meses, corre um fluxo de informações e comentários que raramente vem a público, encomendados por grandes companhias a consultores de planejamento estratégico, como se convencionou chamar no mercado.

José Roberto Mendonça de Barros, consultor de clientes do porte do grupo Votorantim, diretor da Silex Corretora de Câmbio e Valores Imobiliários e professor de Economia Brasileira da Universidade de São Paulo, situa-se na segunda categoria.

O "cenário" que compôs nos últimos dias a seus clientes indica uma aceleração do índice inflacionário para dezembro até a posse do novo presidente. "Cerca de 60% na passagem do bastão", afirma. Seu raciocínio é o seguinte. Entre o primeiro e o segundo turno, aumentarão as inseguranças de todos os agentes econômicos, empresas e consumidores. Haverá, no seu entender, uma nova antecipação das compras. Na ponta do varejo, ela será possibilitada pela disponibilidade do 13º salário e pela recomposição relativa do rendimento real dos assalariados, dada a estabilização, até certa medida pelo menos, dos preços nos meses de outubro e novembro. Em outras palavras, um bom Natal para o comércio.

Com relação à indústria, o economista prevê também o que chama de "inflação preventiva", em razão da expectativa, por parte dos empresários, de um programa de estabilização da economia e a inevitabilidade de um congelamento de preços assim que terminar o período de namoro do presidente com a opinião pública. Terminado o período de contenção acertado com o atual ministro da Fazenda, os empresários deverão, segundo raciocina Mendonça de Bar-



José Roberto Mendonça de Barros

ros, prevenir-se aumentando seus preços, sempre é claro de acordo com o poder de barganha de cada um em cada setor. "Os preços no atacado, com o medo do congelamento, inevitavelmente subirão", ele diz.

O acordo de preços orquestrado pelo ministro Mailson da Nóbrega representa, a seu ver, um avanço importante em termos de metodologia. Teria efeito, na sua opinião, apenas no curto prazo, até as eleições. "Depois do primeiro turno, zera-se o taxímetro, desaparece a institucionalização e o que veremos será uma inflação preventiva", ele diz.

Para acelerar a alta de preços também deverão contribuir os preços agrícolas, invertendo-se o papel moderador do índice que tiveram até agora. A entressafra, se caracterizada até setembro por queda e não alta dos preços, deverá se fazer sentir daqui por diante.

Da atual equipe econômica, Mendonça de Barros acredita que ainda deverão vir, porém, duas medidas no curto prazo: uma desvalorização cambial, "inexorável", na sua opinião, diante da perspectiva de menor saldo comercial. E, se o ministro da Fazenda decidir facilitar a passagem para um novo governo, um aumento significativo das tarifas públicas abrirá caminho para um congelamento bem-sucedido de preços mais adiante.

Uma bolsa em alta e a alta também do paralelo e do ouro deverão saudar o novo presidente, segundo o analista, já que o medo da esquerda — reinante no mercado até o aparecimento em cena de Sílvio Santos —, deverá ser sucedido por incerteza quanto à política econômica a ser adotada.